



almoço com o expresso

MANUEL ALEGRE

“Isso dos
brandos costumes
é uma treta.
De vez em quando
este país passa-se”

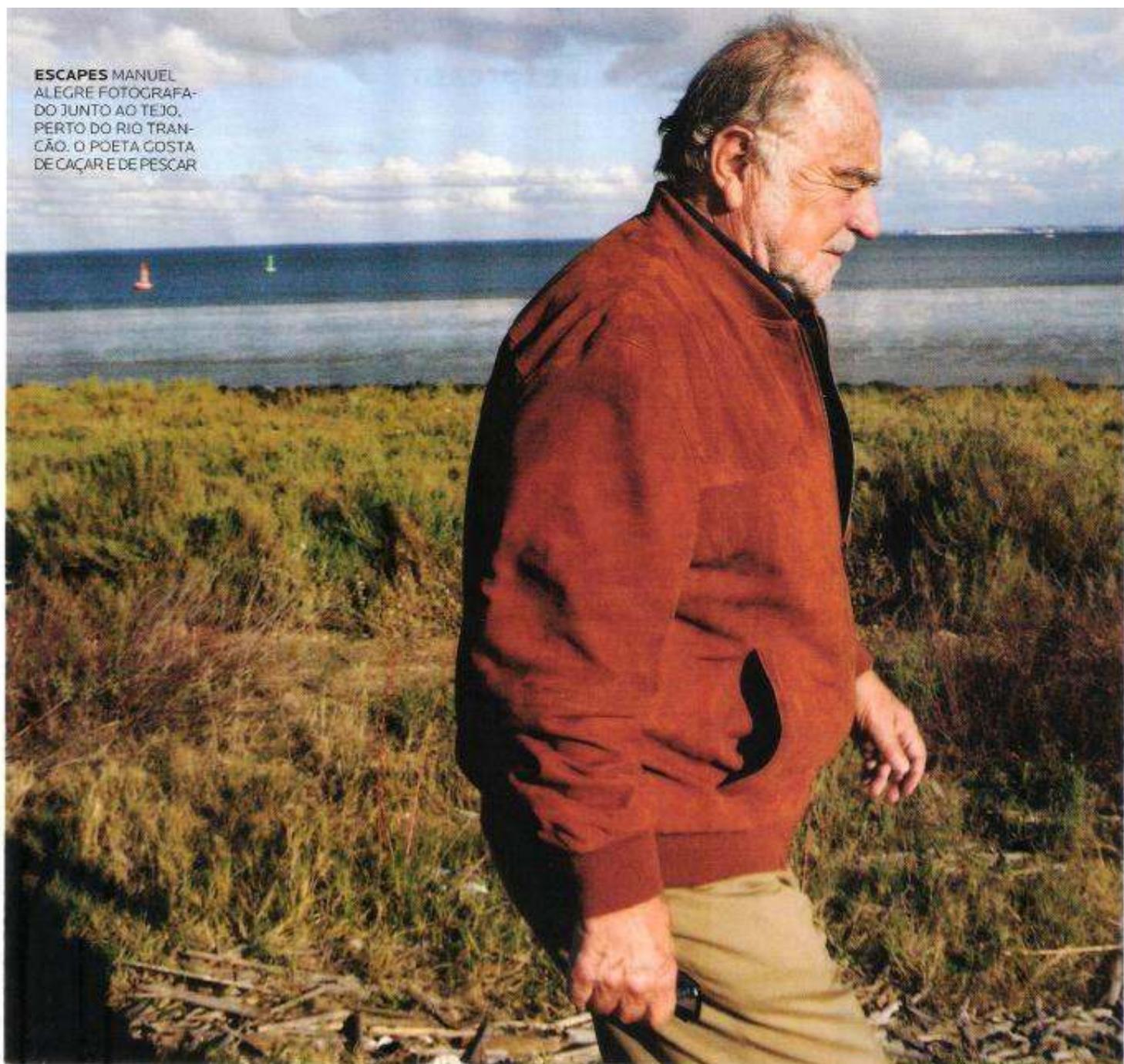
35

POR CLARA FERREIRA ALVES

Pode haver um colapso das instituições. Foi o que pressentiu Manuel Alegre na manifestação de 15 de setembro. Uma conversa sobre o estado da nação e o seu percurso pessoal e político

FOTOGRAFIAS DE LUIZ CARVALHO

ESCAPES MANUEL ALEGRE FOTOGRAFADO JUNTO AO TEJO, PERTO DO RIO TRANÇÃO. O POETA GOSTA DE CAÇAR E DE PESCAR



36

A

A primeira entrevista foi engolida por um gravador avariado. Ele diz que lhe acontece muitas vezes avariar gravadores. Fomos almoçar e refazer a conversa, entre dois copos de um tinto do Douro, para 'descomprimir', e dois risottos. Acabámos com uma sobremesa de chocolate. A segunda entrevista saiu melhor do que a primeira. Manuel Alegre, nascido em Águeda em 1936, é um histórico do Partido Socialista, um político de esquerda que foi da faculdade de Direito de Coimbra para a guerra de África e daí para o exílio em Argel. Uma década fora do país ao qual regressou no 25 de abril para, com o seu amigo Mário Soares, ajudar a fundar a democracia. Uma primeira candidatura presidencial deu cabo desta amizade. Cita o adversário com respeito. Teve 21% nessa corrida que Soares perdeu. Acha que se os dois se tivessem unido, Cavaco Silva não seria Presidente. Arrependeu-se da segunda candidatura. A situação do país deixa-o

revoltado e desencorajado. Afirma-se patriota sem vergonha da palavra, e sabe que esta é a maior crise desde a revolução num país com um povo que é tudo menos manso. "Isso de sermos mansos é uma treta, leia-se a 'História de Portugal'". Continua a caçar e a pescar e a escrever em língua portuguesa, prosa e poesia. Tem uma obra extensa e ganhou o Prémio Pessoa. O poeta de "Praça da Canção", 1965, e de "O Canto e as Armas", 1967, acha que a circulação clandestina desses livros e a influência determinante que tiveram em Portugal foram momentos únicos. Amália e Adriano Correia de Oliveira cantaram a 'Trova do Vento que Passa'.

Não me lembro de sentir nos portugueses uma tal mistura de desespero e desalento. Porque não há horizonte. Não se vê solução. E não sei se eleições seriam a solução. Lembras-te do antigamente. Houve

levantamentos.

Lembro-me do (Humberto) Delgado, que foi um levantamento nacional. Nunca vi tanta gente na rua. Houve muita gente que acreditou que ele ia ganhar as eleições e gente que acreditou que perdendo ia fazer um golpe militar. Quando vi o resultado das eleições senti-me roubado, roubado por dentro. Revolta, e a minha vida mudou. E depois o princípio da guerra, o anúncio do Salazar "para Angola rapidamente e em força", que alterou a vida de toda uma geração. Já não era ditadura e resistência, era matar ou morrer. Eu fiz a guerra. Fui primeiro para os Açores e a seguir para Luanda. E depois fui para Sá da Bandeira e a seguir para o norte, na fronteira com o Congo. Tinha 25 anos e fiz 26 na cadeia, em Angola.

Na adolescência, estás em Coimbra. Entrás em Direito.

É onde vivo as coisas todas, o Delgado, a agitação cultural, fui um dos fundadores do CITAC. Estava a meio do curso quando fui para a guerra. Eles decapitaram o movimento estudantil em Coimbra chamando para a tropa. Os dirigentes foram todos chamados. Fiz o curso dos oficiais milicianos. Houve uma reunião das três academias em Coimbra, onde falou o (Jorge) Sampaio, falou o Zé Carlos (Vasconcelos) e começaram a gritar o meu nome para falar. Eu já era oficial miliciano e disse que não podia. Lá subi para uma cadeira e fiz o discurso, que o César de Oliveira na "História" dele diz que é a primeira crítica da guerra. Três dias depois sou mandado para os Açores, uma espécie de deportação. Nos Açores conheço o Melo Antunes, e uma data de gente. Fazemos uma tentativa de ocupação da ilha para fazer desembarcar o Humberto Delgado em Ponta Delgada. Era muito difícil aos militares tomarem conta da ilha, ou iam navios e bombardeavam e era um grande sarilhão internacional ou os paraquedistas, com aqueles ventos e nuvens, não conseguiam descer. Mas recebemos instruções de Lisboa, onde tinha havido manifestações com muitas prisões, para parar com aquilo, não havia condições políticas. Tínhamos resmas de papéis, cartões de borracha e fizemos panfletos contra a guerra, abaixo o fascismo, criamos brigadas. O Melo Antunes andava vestido de preto a distribuir. Conheci-o lá. Ele era casado com uma açoriana e vivia lá. Havia os que tinham estado na revolta da Sé, outros no Botelho Moniz. Eu já conhecia o Borges Coutinho, o marquês da Praia, que tinha estado preso e era amigo do Melo Antunes e do Jorge Sampaio. Era natural que tudo aquilo acabasse mal, mas seria um sarilhão maior do que o "Santa Maria".

Parecia haver na resistência um modo juvenil, romântico, revolucionário, diferente da apagada e vil tristeza.

Depressão não havia, havia uma espécie de euforia. Tudo era mais perigoso. A ocupação dos Açores ficou em águas de bacalhau porque vieram instruções do Partido Comunista, de Lisboa. Achavam uma loucura.

Seria porque o PC não gostava de resistência fora da área de influência?

Se calhar. Não foram só os comunistas, tínhamos criado uma Junta de Ação Patriótica que metia socialistas, católicos... E tinha havido muitas prisões, o 1º de maio de 62 foi uma coisa grande. O Melo Antunes, no livro dele, diz que o meu romantismo revolucionário queria avançar mas não é verdade, ele é que não quis. Talvez tivesse razão. Destruímos os panfletos. O governador militar disse que não podia perder os oficiais todos e começaram a despachar-nos. Fui para Angola.

Como era Luanda?

Uma coisa amável. Eu cheguei com angústia. As pessoas de lá não sentiam a guerra mas quem ia daqui sentia. Tive logo a notícia de um amigo meu morto no mato. Fiquei no regimento de Infantaria de Luanda e comecei logo a conspirar. Fazia escoltas para o norte, a pior coisa que se podia fazer. Íamos a Nambuangongo, a Quipe-dro, na altura em que surgiram as minas. Quem fazia a escolta é que levava com uma mina. Levávamos pessoas, abastecimentos, recolhi paraquedistas. Eles andavam agitados e começámos também a conspirar. Para tomar conta de Luanda e do norte. Havia gente de esquerda e de direita a conspirar, uma grande confusão.

A sociedade colonial em Luanda estava de fora disso.

O que se sentia em Luanda era a marcha das colunas para o mato. Ou os helicópteros que traziam os feridos. A sociedade continuava a ir às praias. A cidade tinha uns 100 ou 150 mil habitantes. Havia uma certa tensão entre quem fazia a guerra, "matar pretos" e a população. No norte, os soldados estavam isolados pelo sistema de quadrícula no terreno. Não havia contacto. Se houvesse telemóveis e computadores, a

guerra colonial tinha durado uns meses. Nem telefone havia, a malta vivia na esperança do correio, da carta que chegava por helicóptero. **Como isso é estranho para um filho, um neto teu.**

Não compreendem. O meu filho esteve colocado em Luanda e eu passei por lá e arranjaram-me uma visita aos lugares onde tinha estado na guerra. Lá fui com dois helicópteros a Nambuangongo. Até chorei, tamanha foi a emoção. Há uma escola nova, um hospital novo, o governador daquilo tem uma paixão por Nambuangongo e pediu-me livros. Têm más comunicações. Nambuangongo eram vários quartéis na zona dos Dembos. Vi os aquartelamentos abandonados, o que me comoveu muito. Como é que a malta aguentava ali, um ano, dois anos, o calor, a doença, os tiros...

E como é que eram os soldados do outro lado da guerra?

Ali não era MPLA, era FNLA. Estavam em auto-gestão, porque aquele povo é guerreiro, e foi todo para as matas. Mais tarde, foi a região militar nº 1, os tipos que ligaram com o Nito Alves. **Sentes mais empatia com o mundo angolano, ou brasileiro, do que com os alemães, já te ouvi dizer.**

Sim, claro, e com os argelinos. Na Argélia, sinto-me em casa. Fui para lá em 64. Dez anos.

Mas sem a Europa, e sem a prosperidade e a paz da Europa, não teríamos tido o que tivemos. Com esses países não íamos lá. O Partido Socialista recebeu muito dinheiro dos alemães para fundar a democracia em Portugal. A fundação do PS foi em Bad Münstereifel.

Tivemos a prosperidade e agora temos a miséria. Eu acho que devemos estar na Europa, mas devemos também estar no centro das decisões e não de fora. Não sou antieuropeu. A fundação a sério do PS foi cá, depois do 25 de abril. E foi em 75, no PREC, quando o Partido Socialista se transforma num grande partido popular. E todos os partidos receberam dinheiro de fora, o PC, o PSD. Quando falo nessa empatia com esses povos, falo na empatia do futebol e do bacalhau. Em Argel, às vezes recebia em minha casa o Agostinho Neto, o Iko Carreira ou o Amílcar Cabral, que iam comer bacalhau. Tinha de ter bacalhau em casa. A elite africana tinha estudado aqui, uns tinham andado em Coimbra e eram adeptos da Académica, leram os livros que nos tínhamos lido. Os autores portugueses. Gostavam de fado e de fado de Coimbra. **Vivias em Argel? Andaste nos lugares do Camus?**

Num bairro um pouco periférico, Hussein Dey, um bairro popular de Argel. Um dos meus lugares preferidos eram as ruínas de Tipasa, do Camus. Um dos lugares mais bonitos do mundo. Ele tem um livro escrito lá, numa pensãozinha. **Como é que te sustentavas no exílio?**

Mal. Algumas remessas dos meus pais, dos livros que se venderam aqui na altura. Foram todos proibidos mas venderam-se clandestinamente.

SE HOUVESSE
TELEMÓVEIS E COMPUTADORES,
A GUERRA COLONIAL TINHA
DURADO UNS MESES

Tínhamos uma sede e uma rádio. Vivíamos pacificamente.

Qual a tua filiação nessa altura?

Quando chego à Argélia ainda sou do PC e depois saio. Fiquei uns sete anos e saí com a Checoslováquia, em 68. Entrei em Coimbra, no meio académico. Era tudo PC. Não havia PS. O Eurico (de Figueiredo) ainda criou um movimento sindical estudantil... o grande erro da minha geração foi não ter criado, como fez o Mário Soares, um partido socialista. Mérito dele. Na Frente Patriótica estava tudo, estava o Soares, o Sampaio...

Não é possível olhar para essa gente, falar no Eurico de Figueiredo e noutros, e olhar agora para a gente do Partido Socialista sem descobrir as diferenças.

O Eurico de Figueiredo anda desvairado. E há que referir o Jaime Gama, o Cardia, o Lopes Cardoso. E o Zenha, claro. Tantos. Mas também olhavas para o Partido Comunista e vias o Cunha. O PC tinha grandes intelectuais.

O PC é um partido estratificado, associado à decadência da ideia comunista. O PS defendeu sempre a liberdade de pensamento da esquerda. O chamado socialismo democrático.

Em 74, o PS era marxista não dogmático. Depois escrevemos um documento que era a síntese entre o marxismo não dogmático, o António Sérgio, o Antero de Quental e o "realismo criador de Mário Soares". Foi uma moção de síntese feita por mim e pelo António Reis. Foi aprovada em delírio. Onde isso vai!

Sempre houve guerras dentro do PS e uma das grandes que tiveste foi com Sócrates, por causa da coincidência. Era ele ministro do Ambiente.

Essa guerra teve muito a ver com a comunicação social. O Guterres era considerado um mole e o Sócrates, que era muito elogiado por toda a imprensa, faz uma prova de autoridade e faz a guerra comigo e com a Federação de Coimbra. E perdeu. Fez essa guerra para se afirmar. Posso, quero e mando, e veio enfrentar a velha guarda do Partido Socialista. Perdeu na votação, os deputados de Coimbra votaram todos comigo.

Estão reconciliados? Desde que ele apoiou a tua segunda candidatura a Belém?

Ele é inteligente. Tivemos relações tensas e estranhas mas nunca estivemos zangados. Tínhamos uns almoços de quatro, cinco horas. Em que se falava de tudo menos de política, falávamos de livros.

Sócrates aproximou-se dos adversários e acabou por conquistar uma medida de respeito e de estima por parte dos históricos, até de Mário Soares. Que gosta dele.

Com Mário Soares nunca sabemos bem de quem é que ele gosta ou não, é conforme lhe convém. Houve aquele congresso em que eu tinha tanta vontade de ser secretário-geral do PS como de ir viver para a China. Porque aquilo afunilou muito. Toda a direita nova, tecnocrática do PS, jun-

tou-se à volta de Sócrates. E os soaristas, os sampaistas, uma certa tradição ficou órfã e acantonada. Quem vai, quem não vai, empurraram para mim. Foi um congresso muito giro que projetou o PS para fora e que esteve na origem da maioria que viria a ter. O Sócrates fez uma coisa inteligente a seguir ao congresso, integrou as pessoas que me tinham apoiado. Gente como o Alberto Martins e o Augusto Santos Silva, o Lacão.

Tens alguma relação com ele hoje?

Então não tenho? Falamos. Na minha segunda candidatura, ter sido apoiado pelos partidos lixou-me. Uma parte do PS não me apoiava porque eu tinha o apoio do Bloco de Esquerda e uma parte do Bloco não me apoiava porque eu tinha o apoio do PS. E a gente que genuinamente estava comigo sentiu-se um pouco entalada no meio. Tudo isto numa época de crise. Não devia ter ido lá, não devia ter-me candidatado. Quando o PS começou a tergiversar eu disse que ia para casa, os tipos que se amansassem. Disse isto aos meus amigos e apoiantes. Ao contrário da primeira vez, em que estava convencido de que podia ganhar. Da segunda não estava. Da primeira vez, as pessoas queriam mudar e fiquei a 29 mil votos da segunda volta.

Toda a esquerda estava dividida e também não conseguiste uni-la. Provavelmente, nunca haverá união de esquerda em Portugal.

Muito difícil. Mas haveria numa segunda volta, como houve antes. Na primeira, não. E ganhava na segunda volta. Era uma coisa pioneira. Num país onde não há tradição de voluntariado, não fazes ideia da quantidade de pessoas que apareceram. Espontaneamente. E com o Mário Soares do outro lado.

Achas que esses 29 mil votos te foram tirados pelo Soares?

**GOSTO MUITO DELE
[SOARES] MAS NÃO LHE
PERDOO O QUE ME FEZ.
UMA COISA MÁ. JOGUEI
TUDO PELO SOARES.
LEVEI MUITA PORRADA
POR CAUSA DISSO**

Não. Se o Soares tivesse tido mais 29 mil votos eu ia à segunda volta. Eram dez e meia da noite quando eu telefonei ao Relvas, ao Alexandre Relvas, e ele disse que ainda não havia maioria. Naquele momento ainda havia segunda volta. Devo isso aos cidadãos. Foi entre mim e eles. Mas não teria ido lá sem o Partido Socialista. Não o oficial, claro. Tive consciência de que aquilo não se ia repetir.

Foi o maior triunfo da tua vida? O momento estelar?

Não. A publicação de "Praça da Canção" e de "O Canto e as Armas" foi um momento único. Circularam em cópias manuscritas e datilografadas, os versos foram decorados e cantados e nessa altura eu fui mais do que eu. É mais do que um triunfo literário e é irrepetível.

E da segunda vez?

Da segunda vez, o PS andou a encanar a perna à rá. O Louçã saltou logo em cima e isso causou engulhos ao PS. Devia ter avançado a minha disponibilidade e depois ter forçado o PS a uma clarificação. Sem a qual, iria para casa. Houve grande hipocrisia na atitude de muita gente do partido.

Essa hipocrisia continua a existir, por outras razões. Sempre te ouvi dizer que o PS só conquistava o centro pela esquerda e não o contrário. Ainda pensas assim?

Existe gente dentro do PS, como o (Luís) Amado, que prefere uma aliança com a direita. Bloco Central ou mesmo CDS.

Pode ser uma solução pragmática.

Sou contra. É uma confusão democrática. O PS é um partido popular. O CDS do Portas não é democrata-cristão, e o Passos Coelho tem uma ideologia, o capital contra o trabalho. Utilizo uma expressão marxista, é a favor do capital. É contra as pessoas, contra os portugueses, contra a classe média. Nem sequer são liberais, utilizam o poder do Estado a favor de certos grupos. O liberalismo é outra coisa, ora eles não abdicam do poder do Estado, apenas o submetem ao capital. É uma gente que nunca leu livros.

O país não é todo de esquerda. Poderá o PS aliar-se à direita e ao centro para governar, ou guardar-se para uma união de esquerda que nunca funcionou?

Nunca funcionou. Funcionou com Mário Soares à segunda volta e funcionaria comigo na segunda volta. O que é governar ao centro? O centro conquista-se pela direita ou pela esquerda, não sei o que é o centro. O PS tem de ter uma base eleitoral própria e essa base é popular.

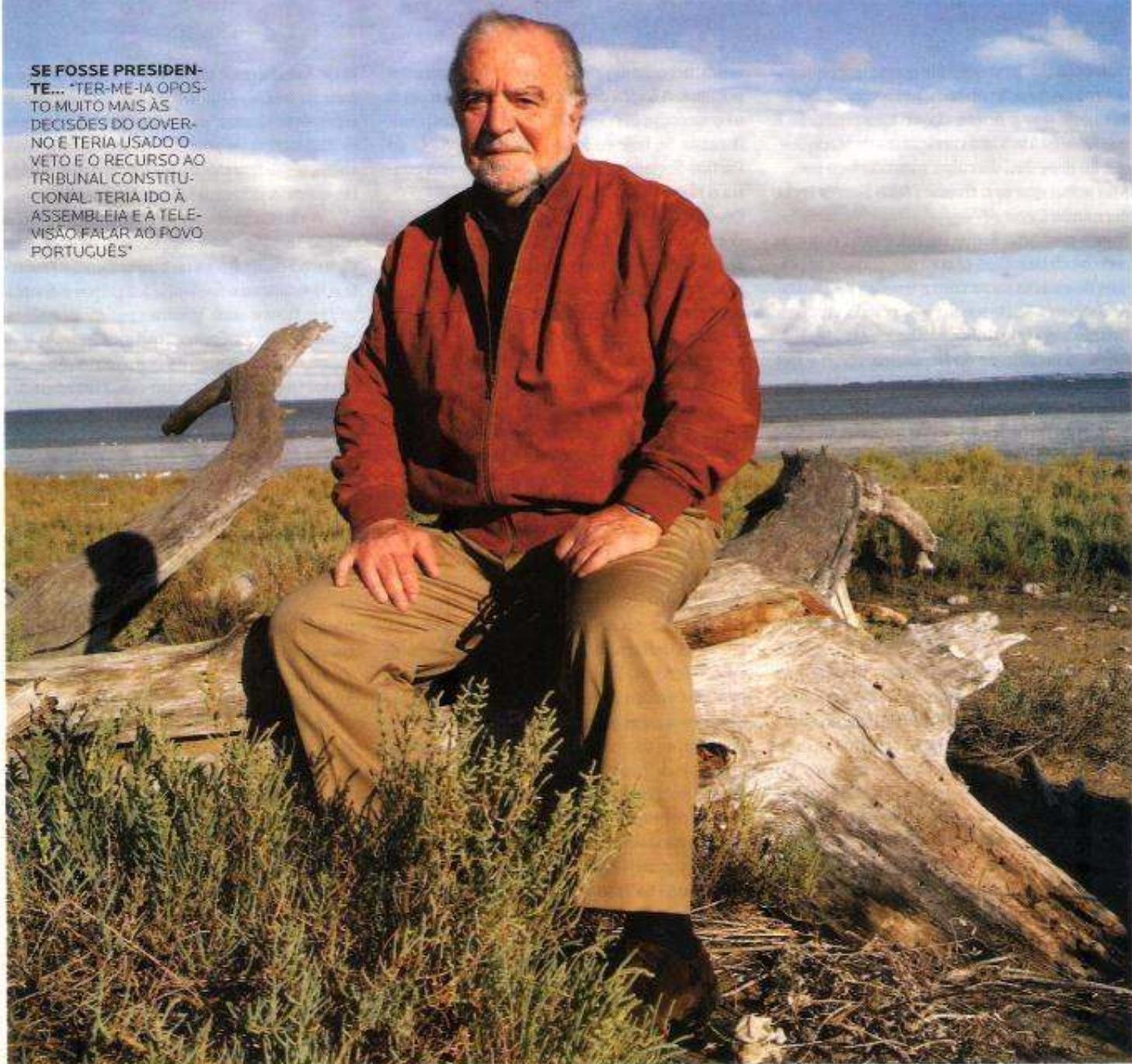
O PSD também. O PS começou por ser um partido elitista. Urbano. Republicanos, católicos, intelectuais...

... E a gente que vinha dos movimentos estudantis. O PS é uma dissidência maioritária do Partido Comunista. A começar por Mário Soares. Coisa única na Europa.

Exceto Jaime Gama. Uma boa cabeça.

Foi o meu maior amigo dentro do Partido Socialista depois do 25 de abril. Mas, depois, o Gama ficou estranho.

SE FOSSE PRESIDENTE... *TER-ME-IA OPOSTO MUITO MAIS ÀS DECISÕES DO GOVERNO E TERIA USADO O VETO E O RECURSO AO TRIBUNAL CONSTITUCIONAL. TERIA IDO À ASSEMBLEIA E A TELEVISÃO FALAR AO POVO PORTUGUÊS*



Não está na altura de o PS juntar as melhores cabeças e pensar? Seguro é um líder problemático. Não faz a unidade. Os líderes políticos constroem-se. E com Mário Soares, em que ponto está a vossa relação?

Apertamos a mão. Gosto muito dele mas não lhe perdoo o que me fez. Uma coisa má. Eu joguei tudo pelo Soares. Levei muita porrada por causa disso. Há muita gente interessada em fazer as pazes entre mim e ele e não tenho problema com isso. Mas ele tem, ficou com aquela humilhação atravessada. Quando juntou aquela gente toda no jantar dos 80 anos eu pensei que ele ia ser candidato. Quando ele gritou: Basta! Uma vez disse-lhe em casa do Dias da Cunha que ele não podia ser candidato porque perdia e mesmo que ganhasse ficava menos Presidente do que era não sendo. Perdia estatuto. A fami-

lia era contra. Ele não gostou. Fizeste uma campanha com hostilidade contra ele. Chamaste-lhe velho. Não chamei nada, nunca lhe chamei nada. E andei a defendê-lo na rua. Sem essa campanha fratricida, provavelmente Cavaco nunca seria Presidente. A minha convicção é de que não teria sido eleito. O PS fraturou-se: uma parte ficou com o Soares, outra comigo, outra não votou. Nunca tiveram um frente a frente em que tivessem dito um ao outro, ou tu ou eu? Os dois, não dá. Nunca. Eu não tinha de o avisar porque ele não era candidato. Eu tinha avançado a disponibilidade. E fui posto pelo PS perante a situação de o Soares passar a ser o candidato do partido. O Soares devia ter-me dito alguma coisa. Não estávamos zangados, tínhamos uma relação íntima,

cúmplice, terra a terra. Podia ter-me dito. E se ele me tivesse dito que queria ser o candidato, tinha-me retirado. Se ele me tivesse dado um telefonema, convidado para almoçar, como fez muitas vezes, eu não seria candidato.

Muita gente achou que a tua candidatura era um caso de ego, de necessidade de afirmação, de vaidade. E também de afirmação contra Mário Soares.

Dou-te a minha palavra de honra que não. O Soares tem a vaidade dele e eu tenho a minha. Acho que ele é um grande político. Não tenho de provar nada. Se ele me tivesse dito cara a cara, eu retirava a candidatura. Depois irritei-me quando fui colocado perante o facto consumado, pelo Sócrates. Seria estranho que não me irritasse. Então disse: agora é que vou mesmo ser candidato. Fui para a Foz do Arelho, pescar, e o Sócrates telefonou-me a dizer para ir almoçar com ele e

com o Soares. Para quê? Ele queria que eu fizesse uma declaração no fim e me retirasse. Ou seja, queria que o tirasse daquela embrulhada. E que fosse eu a lançar a candidatura de Mário Soares. Eu disse-lhe: desculpe, mas não faço isso. **Não achas que se o tivesses feito Soares teria derrotado Cavaco?**

Nunca ganharia. Estive na rua e ouvi o que as pessoas diziam. Digo-te com sinceridade, as pessoas ficaram irritadas com a terceira candidatura do Soares. Se ele me tivesse apoiado, ganhava. **Imaginando que tinhas ganho e eras atualmente o Presidente da República, como é que resolvias o problema da reação geral contra o Governo e a austeridade? Estamos num momento histórico e muitas decisões fundamentais dependem do Presidente. Demitias o Governo caso a revolta se agudizasse?**

Podia responder-te com uma frase política. Ele ganhou as eleições, quem tem de resolver é ele. Mas ter-me-ia oposto muito mais às decisões do Governo e teria usado o veto e o recurso ao Tribunal Constitucional. Teria ido à Assembleia e à televisão falar ao povo português. Não se pode governar contra a Constituição. Mas reconheço que o Presidente fez um esforço em relação à TSU. Ele é um político experiente. E fez em relação à Europa um discurso que o Governo devia fazer e não faz. A nossa relação ficou muito má a seguir à campanha mas agora melhorou. Eu acho que é preciso preservar o Presidente, o garante da democracia e das instituições.

A classe política cai no descrédito.

É a crise do regime.

O secretário-geral do PS veio dizer que queria diminuir o número de deputados, o que é um ataque à classe política no momento menos oportuno. E foi entendido como uma demagogia.

Eu disse-lhe o que pensava no fim desse discurso, em Alenquer, numa mesa onde também estava Mário Soares. Independentemente da intenção, o momento é mal escolhido. As pessoas querem respostas concretas em vez da discussão de problemas institucionais. Querem saber se um novo governo mantém ou não os cortes de salários, dos subsídios, o aumento dos impostos. A haver uma discussão sobre como regenerar a democracia, a grande reforma seria que as eleições diretas dos partidos fossem abertas a não inscritos. Esse é o grande desafio aos aparelhos dos partidos. E que nas eleições legislativas pudessem concorrer movimentos de cidadãos ou independentes.

Uma ideia da tua candidatura. Deste-te bem com os independentes?

São complicados, mas há gente muito boa. Deixei-me muito bem com uma equipa de economistas que me apolaram. Precisamos de gente que pense, que pense económica e politicamente, e que pense isto de outra maneira. E os partidos têm de os ouvir. Muita gente que esteve na minha candidatura estaria disposta a uma abertura do Partido Socialista. Tenho uma visão pess-

mista, acho muito difícil regenerar os partidos políticos. A lógica de aparelho é brutal. Eu perdi o congresso e depois tive 21% de votos nas presidenciais. Se hoje eu fosse candidato a chefe do Partido Socialista, ou o Soares, perdíamos contra o homem do aparelho.

Contra o Seguro.

Contra o Seguro ou contra o Costa.

Isso não significa uma derrota da primeira geração, que sendo a da pedagogia e da tradição, não conseguiu impedir a burocracia e mediocracia do partido?

Fizemos a democracia. E retirámo-nos da vida política ativa. Há sempre mudanças.

Isto começou com o Guterres e com os tecnocratas e o grupo de Macau, que ele trouxe para o poder. O que Soares chamou uma vez, zangado, a "capoeira do Guterres". Apesar de Guterres ser muito inteligente, não os controlou. Pina Moura, Jorge Coelho, Vitorino... e Sócrates. Ou Vara.

Estou de acordo contigo. Houve um partido Socialista até à direção do Sampaio e uma rutura a seguir contra o partido histórico. Esses são todos filhos do Guterres. O Seguro tem uma virtude, não é corrupto. É mais determinado do que as pessoas pensam. Não é fácil tirar de lá o Seguro. **Estamos a jogar paradas altas em Portugal.**

Pode haver um colapso das instituições. Presenti isso na manifestação de 15 de setembro.

Somos um povo manso?

Erro de pessoas que não leram a História de Portugal. Já não falo da revolução de 1383 e de Aljubarrota, vamos ao século XIX. A revolução liberal é a segunda na Europa e com muitas guerras civis. E até com a Maria da Fonte, que foi reacionária e revolucionária. Sei da história dos primeiros enforcados na Praça dos Aliados, durante a revol-

ta de Aveiro, onde estiveram o meu trisavô e o meu tio trisavô. Um deles é decapitado. Depois espetam as cabeças para todos verem, enquanto os miguelistas, os padres e as senhoras bebiam champanhe. Brandos costumes? Isso é uma treta. **Há quem continue a beber champanhe.**

A direita portuguesa é miguelista. A que não se manifesta e está por trás de tudo isto. Conheço-os, tenho-os na minha família. Durante o liberalismo o Saldanha fez golpes e contra-golpes, houve uma guerra civil sangrenta de ajuste de contas. Com as invasões francesas, os nossos brandos costumes atacavam a retaguarda dos franceses, matavam-nos, cortavam-nos aos bocados e penduravam-nos para a vanguarda francesa os ver cortados aos bocadinhos. Com os padres a dizer que os cães dos franceses eram demónios. Na República, matam o rei, o príncipe, matam um Presidente, Sidónio, matam um primeiro-ministro, António Granjo, e matam os fundadores da República. Os Otelos, Vascos Lourenços, Eanes e Mários Soares da altura. Só havia duas repúblicas na Europa, a suíça e a francesa. E no Estado Novo houve muitas tentativas revolucionárias com repressões violentas como o fuzilamento de dezenas de marinheiros no Largo do Rato. Somos um povo manhoso. O Miguel de Unamuno, no livro "Por Terras de Portugal e Espanha", fala nos suicidas portugueses e diz que este povo, aparentemente pacífico, conformado, que gosta de encostar os cotovelos e olhar para o passado, de vez em quando atira a canga ao ar. E passa-se. E passou-se no 25 de abril, que foi uma revolução com várias revoluções e contrarrevoluções dentro.

Achas que este Governo é um governo de retornados, separado do país? Há quem diga isso. Passos Coelho e Relvas vêm de Angola.

Uma das grandes vitórias da democracia foi a reintegração dos desalojados de África para o país. Algumas pessoas deste Governo parecem ter um ajuste de contas a fazer, ideológico. Com o 25 de abril. Nunca me tinha posto essa questão, que é cultural. Não sei se os próprios terão consciência disso. Talvez sintam que o país é o seu exílio, não sei. Não me causa problema ver angolanos a investirem em Portugal, antes eles do que os alemães, mas os sectores vitais da economia, energia, águas, correios, monopólios naturais, devem estar em mãos portuguesas. E do Estado. Como no caso da TAP. A TAP é um instrumento de política portuguesa. E uma das razões pelas quais valia a pena vir à rua. Estão a privatizar o Estado. Este Governo é um conselho de administração ao serviço do capitalismo financeiro.

O PS está em silêncio. Amarrado ao memorando?

Disse umas coisas tímidas, mas o caso da TAP e dos CTT tinha de falar mais grosso. O memorando foi assinado em estado de necessidade e um país não pode ficar agarrado a ele quando estão em causa interesses vitais e a nacionalidade. ●

revista@expresso.imprensa.pt

